Ano 30.º Sábado, 12 de Junho de 1937 N.º 1478

O DEMOCRATA (AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração RUA MIGUEL BOMBARDA, 21
Composição e impressão Tipografia Lusitânia Rua Eça de Queirós, n.º 3-AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e administrador
Manuel Alves Ribeiro
Toda a correspondência deve ser dirigida ao director
Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—Agencia Havas

Vitória definitiva

As últimas comemorações do 28 de Maio

Aleluia nas almas e na História!

Sem quaisquer sombras de dúvida, a gloriosa Revolução continúa, palpitante, tremente de entusiasmo, no ritmo das vitórias definitivas. O génio eterno da grei, encarnado na extraordinária figura de Salazar—amado e respeitado Chefe—aponta já, com a certeza das realidades, o rasgado horisonte do verdadeiro destino nacional.

Calem-se os facciosos e os tímidos, os covardes e os céticos! E' absolutamente preciso que essas derradeiras falanges do Erro e da Mentira, sejam iluminadas por um clarão forte de consciência patriótica, em contacto com a evidência flagrante dos factos — o testemunho eloqüente das últimas comemorações do 28 de Maio.

Só quem não esteve na capital e por isso não presenciou essas excepcionais manifestações de amor nacional e de orgulho pelo Estado Novo, fará uma pálida idea do que elas foram e do que significaram, numa demonstração insofismável de fôrça colectiva, de unidade patriótica, de fé individual.

Cada ano que passa sôbre o fenómeno libertador de 1926, esplendidamente aureolado pela obra e pelamística do Chefe—que é a mística da Nação — realiza o prodígio de mais e mais cimentar o edifício do Ressurgimento e faz erguer novas e vigilantes sentinelas, prontas à primeira voz, contra as perturbações do movimento internacional e as investidas directas do dragão comunista.

Saúdo-vos, heroicos Legionários, voluntários da Ordem! Saúdo-vos também, briosa Mocidade Portuguesa! Todos unidos no mesmo pensamento, abrasados pelo inextinguível ardor do cumprimento do dever, está igualmente em vós uma bela certeza do triunfo, porque testemunhais até que ponto e de que modo soubestes traduzir—realizando — um dos mais sagrados imperativos nacionais!

Sim; a Revolução continúa! Cada hora que passa é uma consciência que acorda de um profundo letargo! Uma palavra do Chefe não exprime simplesmente uma ordem ou um convite: cria uma nova célula, abre um novo caminho, faz compreender melhor em que deve sublimar-se a espontaneidade dos nossos actos! E' por isso que o país não recuará na sua grande marcha ascencional para os objectivos supremos; é por isso que o Estado Novo, projectando longe os clarões fortes de uma fé sem limites, exprime *concretamente* a verdadeira continuação do nosso destino histórico; é por isso também que o espírito da Revolução, sagrado por Deus, e animado sempre pelo Chefe, vai multiplicando as vitórias e os portugueses de boa vontade, até que atinja, para que nêle indefinidamente se conserve, o expoente mais alto do engrandecimento nacional!

S. P.

Efemérides

12 de Junho

1879—Publica-se em Lisboa o 1.º número do *António Maria*, semanário de caricaturas em que muito se distinguiu o lápis de Rafael Bordalo Pinheiro.

1909—A *Cartilha do Povo*, de José Falcão, é distribuida profusamente nas freguêsias do concelho de Aveiro.

1912—Morre em Paris o dedicado apóstolo do pacifismo, Frederico Passy.

Inauguração duma escola

—o—

Na Taipa, freguesia de Requeixo, tem àmanhã lugar, pelas 14 horas, a inauguração dum novo edifício escolar, estando convidados para assistirem, entre outras pessoas, os srs. Governador Civil, Secretário Geral, Presidente da Câmara, Inspector Escolar, dr. Jaime Duarte Silva, dr. Querubim Guimarãis, etc., etc.

Tocará durante a solenidade, que promete ser revestida daquele colorido que tanto caracterisa as festas de aldeia, a música de S. João de Loure.

O TEMPO

—o—

Tem estado fresco e chuvoso, havendo quem afirme que a agricultura só ganha com isso.

Deus queira. Para não ser tudo contra nós.

Grémio dos Pupilos do Exército

Esta associação transferiu a sua sède, em Lisboa, para o 1.º andar do prédio n.º 20 da Rua Fernandes Tomaz, onde, em breve, vai festejar o 5.º aniversário com várias demonstrações de regosijo, entre elas um almôço de confraternisação, que se efectuará em 4 de Julho.

Só lhe desejâmos prosperidades

Tricanas de Aveiro

=x=

Ainda sôbre a representação da nossa terra no Cortejo Folclórico que se realisou em Lisboa, lê-se num dos diários de larga expansão:

«O entusiasmo do público sobe minuto a minuto. Mas as palmas quási se calam quando, na sua curiosa evocação de um século, surgem as tricanas de Aveiro, senhoris, gentilíssimas, que todo o Portugal conhece, que mais não seja, por tradição. As de 1850 vestem de preto e mostram só o pé e uma pontinha de saia branca, de rendas. As de há 30 anos têm chales bizarros, de côres lindas e um palminho de cara que lembra o luar batendo do Vouga sereno em noites de serenata. Depois as raparigas de hoje. Largaram os vestidos pretos. Vêm de côres mais garridas. Mas são inconfundíveis ainda pelo seu donaire e pelo tom mavioso das suas baladas à beira-rio...»

... uma barca deslisando no canal de S. João.

Do mesmo jornal, falando do espectáculo promovido pela *Casa das Beiras* e que teve lugar no Coliseu dos Recreios:

«E vêm depois airosas tricanas de Aveiro, em cenários adeqüados, cantando com perfeito equilíbrio orfeonico e acompanhamento pela orquestra da Emissora Nacional, a *Barcarola dos pescadores*, *Serenata*, *Balada* e, por fim, *Tricanas*, em quadro de gracioso dinamismo, que bem ficaria numa revista popular, e foi bisado por imposição dos aplausos, que, em grande parte, couberam ao tenor solista do grupo».

Cabe aqui dizer que, na sua fúria depreciativa, o *expoente máximo do jornalismo português*, espalhou irem as nossas tricanas só tomar parte no Cortejo Folclórico **e não em cenas teatrais**. Está escrito. Pois foi exactamente no teatro que mais as apreciaram, porque, como sempre, cantaram bem.

E agora esta carta dirigida ao sr. dr. Alberto Souto:

Ex.mo Snr.:

A V. Ex.ª, verdadeiro espírito de artista dos mais bem categorisados e a todos os componentes do interessantíssimo grupo que orientou e carinhosamente acompanhou, vem a Casa das Beiras infinitamente reconhecida agradecer o enorme brilho que os Galitos emprestaram ao seu Sarau Regional de 31 de Maio.

Colaboração valiosíssima, que milhares de pessoas aplaudiram; que sensibilisou os Corpos Directivos da Casa das Beiras, e que deve ter sido motivo de desvanecimento para a nobre cidade de Aveiro por de maneira tão brilhante se ter visto representada na capital da nação.

Bem haja V. Ex.ª e bem hajam todos aqueles que, duma forma tão distinta, sabem exaltar as Beiras.

A Bem da Regionalismo

O Presidente da Comissão Executiva do Conselho Regional,

a) F. de Pina Lopes

E mais esta do sr. Governador Civil do distrito:

Ex.mo Sr. Presidente da Direcção do Grupo Cénico «Tricanas e Galitos».

Aveiro

Tendo o grupo cénico de «Tricanas e Galitos» contribuido brilhantemente para a distinta representação do distrito de Aveiro no cortejo folclórico de 30 de Maio, em Lisboa, e bem assim marcado um lugar de grande relêvo na exibição realisada no Coliseu, o Govêrno Civil agradece a V. Ex.ª o concurso prestado, rogando o obséquio de tornar extensivos a todos os Ex.mos membros da Direcção e componentes do grupo cénico, o seu agradecimento e o seu louvor.

A Bem da Nação

Govêrno Civil de Aveiro, aos 8 de Junho de 1937.

O Governador Civil substituto,

a) José d'Almeida Azevedo

ARTE FOTOGRÁFICA

A exposição da "Foto-Central" reune trabalhos de altissimo valor

Com a presença dos srs. dr. José de Azevedo, governador civil do distrito; dr. Melo Freitas, juiz de direito da comarca; dr. Alberto Souto, director do Museu; dr. João Joaquim Pires, reitor do Liceu; dr. Sotto Mayor, delegado do Instituto Nacional do Trabalho, aguarelista Alberto de Sousa, representantes da Imprensa e outras pessoas convidadas, abriu no sábado da preterita semana, como noticiámos, a sua exposição de trabalhos fotográficos o distinto profissional da Rua Direita, Henrique Ramos, que, para o efeito, se fez rodear também de alguns dos seus melhores amgos.

Depois de todos a terem apreciado demoradamente, foi servido um fino *copo d'água*, tendo dito da sua justiça, louvando o habil artista pela obra realisada e incitando-o a futuros empreendimentos, os srs. Governador Civil, dr. Melo Freitas, dr. Alberto Souto e Joaquim Carreira, este em nome dos jornais.

Notamos com desvanecimento que Aveiro, o nosso querido torrão natal, vai tendo manifestações de bôa saúde mental e artística, colocando-nos num nível que muito nos honra como cidade provinciana. A exposição de Henrique Ramos é, disso, mais uma confirmação. E por isso não podem deixar de ser bôas as impressões colhidas nos trabalhos que nela se vêm. Variados géneros de execução, mas todos retratos, e, sob êste aspecto, particularmente nos pronunciámos.

Para nós, aquela cabeça de criança, que está na sala do 1.º andar, à esquerda, é um primor. Soberbo trabalho! Suave, expressivo, cheio de vida, delicadíssimo, preciso. Depois o do padre Vieira, como retrato psicológico modelo. A verdadeira fotografia é isto. Não é uma imagem qualquer, que nada mais diga que uma reprodução de traços de semelhança. Há, porém, ainda outros, muitos outros retratos, que nos agradaram, como os do dr. Querubim Guimarãis, Gervásio Aleluia, dr. Melo Freitas, com um contraste de luz apreciável para vincar a personalidade, e até o nosso, que está óptimo, faltando-lhe, apenas, falar, como ao Moysés!... Só os dois desenhos, francamente, destoam; porque, de resto, as fotografias águareladas, essas mesmo, têm arte e impõem-se pela execução.

Enfim: muitos e muitos trabalhos ocupam lugar de destaque e são dignos de serem vistos com atenção porque honram sobremaneira Henrique Ramos. Tanto a êste como a sua dedicada esposa, a sr.ª D. Maria Izabel Farto Ramos, os nossos agradecimentos pelas atenções que nos dispensaram e ainda pelo prazer espiritual a que deu origem a contemplação de tanta arte reúnida.

A exposição continúa aberta desde as 9 às 23 horas, até o dia 20, sendo já elevadíssimo o número de pessoas que a têm admirado.

Os fusilamentos em Espanha

—:—

Chegou a esta cidade a notícia de ter sido fusilado em Valencia, D. Salvador Cabanes Torres, que aqui viveu com a familia durante alguns anos, dirigindo uma fabrica de serração que existiu na Estrada da Barra e mais tarde a dos Santos Martires, hoje pertença dos herdeiros do falecido Jaime Rodrigues.

Era uma figura simpática e tratável e as suas barbas fartas davam-lhe um tom de gravidade e certa imponencia.

Já lá está do outro lado, juntamente com um filho, capitão do Exército, que tambem não escapou à sanha feroz dos agentes de Moscovo.

Lamentamos a sorte de ambos.

Trabalho silencioso

—o—

Sôbre a actividade notável que vem sendo desenvolvida pelo ilustre titular da pasta do Interior, sr. dr. Mário Pais de Sousa, lê-se na *Acção*, de 28 de Maio findo:

Escreveu um antigo: que tem maior virtude e é mais fecundo o trabalho silencioso e o culto das raizes, do que o ruído das fôlhas dos ramos — que todos os ventos agitam.

Nesta hora de justiça que o Estado Novo vive, quem se debruçar sôbre os seus alicerces, cada vez mais fundos e mais firmes, há-de reconhecer que nêles tem sido obreiro de mérito, esforçado e leal, o português de lei que ocupa, no Govêrno da Nação, o Ministério do Interior.

À sua rectidão, à sua boa vontade, ao seu otimismo persistente e, sobretudo, ao seu trabalho silencioso, *Acção* presta a simples homenagem dêste éco, quási silencioso também.

E nós, transcrevendo-o, navegamos nas mesmas águas.

Dia de Camões

=x=

Por ter passado ante-ontem o aniversário da morte do príncipe dos poetas portugueses, Luís de Camões, houve feriado nas repartições públicas e no liceu desta cidade realisou-se uma sessão comemorativa a que presidiu o Reitor, secretariado pela sr.ª D. Natália Malaquias e pelo sr. dr. José Tavares. Após breves palavras do sr. dr. João Pires sôbre o significado da festa, dissertou longamente acêrca da vida e obra do poeta, a professora D. Izabel Marques, seguindo-se recitativos por alguns alunos, sendo todos muito aplaudidos.

O Orfeon, sob a regência do padre Encarnação, deliciou também a selecta assistência com vários números do seu repertório.

Êste número foi visado pela Censura

Anselmo de Morais

—o—

Passou no dia 8 do corrente o 37.º aniversário da morte do nosso ilustre conterrâneo Anselmo de Morais, cidadão prestantíssimo, síntese de preclaras virtudes, exercendo a sua hiperactividade no Pôrto, em cujo meio social tanto se destacou pela sua inconfundível personalidade, pelas excelsas qualidades de carácter e pelos seus invulgares rasgos de filantropia.

Amigo do trabalho, alentava os que queriam trabalhar, estimulava, guiava pelo exemplo e pelo conselho, cativava pela amisade e comprazia-se na sua infatigável tarefa de bem-fazer—sabe Deus, quantas vezes, com que dificuldades pessoais, que êle sabia ocultar.

Inteligência lucidíssima, dado às letras, crítico de Arte, fundou e dirigiu a *Gazeta Literária do Pôrto*, a *Actualidade* e *Ideia Nova* e conviveu com Teófilo, Antero, Oliveira Martins, Camilo, Ramalho e tantos outros. Fundador da Imprensa Portuguêsa, o grande estabelecimento que ainda hoje é o orgulho da arte tipográfica no Pôrto, contribuiu para a publicação de primorosas edições, algumas das quais, talvez, tarde ou nunca sairiam à luz se não fôssem estimuladas pela generosidade do editor.

Como preito de gratidão à memória de Anselmo de Morais e em sufrágio da sua alma, recebemos dum nosso conterrâneo, amigo dêle e nosso também, a quantia de 100$00, para serem distribuidos por 10 necessitados das duas freguesias da cidade.

Agradecendo a lembrança, desde já prometemos ao caridoso aveirense, que no-los enviou, fazer a distribuição na devida oportunidade, preferindo, como deseja, aquêles necessitados que não têm a profissão de mendigo, ou sejam os que, vivendo com dificuldades, não se atrevem, todavia, a pedir esmola.

São êsses, realmente, os mais dignos de comiseração.

Santo António

—o—

É hoje vespera do santo milagroso, que noutros tempos era ruidosamente festejado por novos e velhos, gregos e troianos... Havia fogueiras, musica, fogo chinez, bailaricos, descantes... Quando nos lembra...

Uma tristêsa, agora!

Cooperativa Portuguesa de Viação

=:=

Afim de desenvolver em todo o país o sistema do transporte económico em *auto-carro*, acaba de se constituir na capital uma sociedade com capitais populares, que vão desde acções de 12$00 a 10.000$00 e que adoptou o nome da epígrafe, segundo no-lo comunicam.

Tratando-se da defêsa do público, associado contra monopólios que só dificultam a vida pelo encarecimento constante dos meios de condução, escusado será dizer que nos encontramos incondicionalmente ao lado dos seus organisadores para o que lhes pudermos ser prestável.

Aeronáutica

=o=

Na cidade de Braga vai realisar-se durante as festas do S. João, que costumam atraír inúmera gente, o 1.º concurso de miniaturas de aviões, cuja iniciativa pertence ao Aéro Club. É uma manifestação de propaganda da aeronáutica, ainda inédita em Portugal, e por isso auguramos a êsse número do programa sanjoanino o maior sucesso.

O pior é se durante as provas falham os cálculos...

Trincheira dum crente

Estudantes do Brasil

E' sempre admirável, luminosamente admirável, fazer a travessia a S. Jacinto, através das águas glaucas e brandas da nostalgica ria de Aveiro, picada de vida cintilante, por uma ondulação que é perene.

Mal se transpõem as históricas piramides, o ar é mais puro, a brisa perfuma-se de sal, o aroma acre da maresia fustiga-nos as faces.

Uma sensação lavada de saúde, de frescura vitalizante e um élan de mocidade, percorrem a consciência e o sangue emocionados.

Os olhos abrem-se mais, para melhor absorvêr e mergulhar a alma na magia verde da paisagem que, como campina imensa se desdobra espelhante, e por vezes prateada, até aos confins do horizonte.

O sol aloira cismadoramente a tarde e do azul infinito caiem dôces caricias, que flutuam esparsas sôbre as almas, que se sentem dominadas e prêsas a tanta água, a tanta côr e a tanta luz.

E' impossivel interpretar, com realidade e fiel expressão, a beleza panorâmica, que emoldura sugestivamente a incomparável laguna de Aveiro.

A ideia será sempre palida, o verbo inexpressivo, a imaginação vacilante.

Há ali qualquer coisa de intraduzivel, de indefinido e de vago, que foge aos sentidos e que se encerra misteriosamente no espírito.

A representação tem que ser precàriamente subjectiva e individual.

«E' um luminoso canteiro de arte observado através dum temperamento» —ocorre-me agora ao espírito, a fraze banal e consagrada.

Só um conceito puro e espiritual, pode definir a sua formosura, o seu ineditismo, a sua feiticeira sedução:— é uma obra prima da Natureza. Mais ainda:—é um suave milagre de Deus.

* * *

Os estudantes do Brasil, esperançosas parcelas da futura inteligência dirigente da grande nação, que continua com brilho o génio de Portugal, levam para sempre, eternamente, agarrados aos olhos e à sensibilidade—assim o confessaram—o encanto e esplendor desta paisagem de maravilha.

Numa rápida e curta troca de impressões, notamos que quatro aspectos do Portugal contemporâneo, empolgaram a sua forte e esplêndida juventude académica: a nossa hospitalidade fraterna, carinhosa e sincerissima; o glorioso património tradicional de civilização cristã e de surto universalista, corporizado em tam artísticos monumentos, como a Batalha, que por sua vez, tam simbòlicamente imortalizam, os altos feitos duma geração, abençoada pela sombra tutelar dos Deuses; a doçura amorável e atlantica da natureza e da paisagem lusitaníssima; e o esforço tenaz, porfiado e heroico de renascimento, que consome, agita, dinamiza e inquiéta a alma portuguêsa no actual momento histórico.

Embevecido pela claridade e justeza de raciocínio, anciosamente in quiri:

—E Salazar?

—Salazar—responde-me vivamente um dos estudantes,—é o Chefe político europeu, moral e espiritual por excelencia. Se quizermos caracterizar expressivamente a sua equilibrada personalidade, podemos dizer: é um dos expoentes daquele humanismo, não de verbo, que é meramente formal, não de cultura, que é ainda insuficiente, mas do verdadeiro humanismo de formação, que começa no sangue e vai depois ao instinto; do instinto forma a sensibilidade; da sensibilidade inspira a inteligência; da inteligência organiza a razão; da razão ilumina o espírito, transfigurando a alma; da alma sobe misticamente ate Deus.

Quedei-me. Estava tudo dito, numa síntese hierarquicamente inteligente,—feliz, acabada, perfeita.

Estamos ás portas de Aveiro. Lá ao longe, em ondulação, vislumbra-se uma cadeia de montes, envolta em névoa diáfana, que aproxima a terra do céu.

Uma duvida surge, então, ao espírito. Era o céu que abraçava fraternalmente a terra, ou era a terra, que numa suplica dolorosa, erguia os seus clamores ao céu?

J. Carreira

Naufrágio

Na segunda-feira foi pela barra fóra um barco que, junto ao molhe norte, estava encregando areia e a bordo do qual se achavam dois homens. Um veio a nado para terra e ao outro prestou socorro o Salva Vidas *Almirante Afreixo* que logo saiu em seu auxílio.

O DEMOCRATA *vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO*

SECÇÃO DESPORTIVA

Um sensacional "match" de "foot-ball"

presenceado, em Aveiro, por muitos milhares de pessoas

O triunfo do "Boavista" sobre a "Académica" por 2 bolas a 0

Parece que está tudo dito sôbre o jôgo do último domingo no nosso Estádio Municipal.

Os jornais da especialidade e os próprios diários mandaram a Aveiro os seus representantes, que, como não podia deixar de ser, disseram, em numerosas colunas, o que êle foi.

Dois combóios especiais, um vindo de Coímbra e outro do Pôrto, despejaram em Aveiro milhares de pessoas, tomando a cidade, então, um aspecto diferente do habitual—ruídoso e movimentado.

Os académicos de Coímbra, de espírito folgazão, salientaram-se, como de costume, e dentro das boas normas. Os portuenses, a quem sorria a esperança da vitória, deram também largas ao seu entusiasmo.

Como era de calcular, o Estádio Municipal quási se encheu, apresentando um aspecto jàmais visto em campos de *sport* aveirenses.

Os *teams*, quando apareceram no rectângulo, foram làrgamente saüdados pela multidão.

Á frente do *Boavista* entrou em campo o nosso conterrâneo Humberto Costa, embora o capitão do onze seja Ferraz.

Na *Associação Académica*, de Coímbra, nota-se a falta dos irmãos ovarenses, Rui e Mário Cunha, e de Izabelinha. Mas nem por isso os académicos deixam de confiar na vitória... que só podia vir a bafejar um dos adversários.

O *Boavista*, equipe profissional, profissional às claras, sem hipocrisias, apresenta: Pesqueira; Humberto Costa e Cortez; Reis, Monteiro e Alector; Antero, Peseta, Costuras, Ferraz e Laguna.

A *Académica*, dos grandes clubes portugueses o mais amador de todos, alinha: Tibério; José Maria e Cristóvão; Portugal, Faustino e Pimenta; Gomes, Pacheco, Matos, Conceição e Costa.

Dirige a partida o árbitro lisboeta, sr. Manuel da Silva.

O pontapé de saída pertence ao *Boavista*, que avança pela direita. A *Académica* corta, porém, e a primeira avançada pertence-lhe. Esta primeira parte, como os nossos leitores sabem, muitos por verem e muitos, ainda mais, por lerem, foi equilibrada. A partida, feita a todo o gás, despertou entusiasmo, mas a técnica, verdadeiramente, não se mostrou. E se o *Boavista* construiu avançadas mais vistosas, a *Académica* levou a bola até junto das balisas adversas com menos passes e, portanto, fazendo um jôgo mais prático.

Êste primeiro tempo caracterizou-se, no entanto, pelo constante perigo em que estavam os guarda-rêdes, de tal modo as avançadas eram freqüentes. Efectivamente, os grupos procuravam o *goal* com afinco.

As fases mais de notar nêstes 45 minutos foram: uma esplêndida defesa de Tibério; uma ótima intervenção de Pesqueira; um tiro do *Boavista*, que bate na trave lateral e vai fora; uma colisão entre o velho Reis, do *Boavista*, e Conceição, da *Académica*, da qual sai magoado o segundo; um corner originado por Cortez e que não aparece ninguém a rematar; uma deslocação do *Boavista*, que destrói avançada perigosa; uma confusão junto das rêdes académicas que provocou certa atrapalhação e, conseqüentemente, perigo; uma defesa de Pesqueira, que vê a bola a caír sôbre as suas rêdes; pontapé de Antero, que passa em frente das balisas sem que ninguém lhe toque; *off-sid* contra o *Boavista*; uma intervenção de Humberto Costa a evitar remate perigosíssimo; uma entrada de José Maria, que evita um *goal* quási certo; um encaixe de Pesqueira a tiro do *half* esquerdo de Coímbra; uma oportunidade de *goal* para o *Boavista*, que Peseta desperdiça, mandando a bola para fora e quando se encontrava só com Tibério pela frente, a uns 4 metros.

Nos 45 minutos restantes, os grupos abrandaram o andamento. A fadiga começava a acusar-se...

Os primeiros 10 minutos são de domínio pronunciado para a *Académica*, vendo-se José Maria e Cristóvão muito adiantados no terreno. O *Boavista*, porém, liberta-se dêste domínio e equilibra o jôgo que, por vezes, se torna duro.

Nesta segunda parte são de destacar êstes factos: uma saída de Pesqueira e uma bela defesa de Tibério, aos 18 minutos; uma saída em falso do *keeper* de Coímbra, que não provoca *goal* em virtude do remate saír para longe das rêdes; os tentos do *Boavista*, o primeiro por Costuras, aos 34 minutos, e o segundo por Antero, aos 37, absolutamente limpos; a dureza mais acentuada que se verificou após a primeira bola dos portuenses; um pontapé, muito forte, da *Académica*, que bate num poste; duas defesas, uma após outra, de Pesqueira, a atestarem a reacção valorosa, mas improfícua, da *Académica*, depois que sofreu o primeiro *goal*; um livre contra o *Boavista*, junto da área de *penalty*, que é desaproveitado por Faustino, que o marcara.

Findo o desafio, o público nortenho dá largas ao seu entusiasmo, levando em triunfo os seus homens.

O triunfo do *Boavista* não se pode nem deve dizer imerecido. Encontro aberto, venceu aquêle que rematou sempre com mais perigo. A *Académica*, que conduziu boas avançadas, bastando lhe, para tal, três e quatro toques, não mostrou, no entanto, eficiência no remate. Os pontapés à balisa saíram-lhe quási sempre sem fôrça, com pouca convicção. Nêste ponto—e daí o resultado—o *Boavista* teve vantagem—remates potentes e, alguns, bem dirigidos.

Jôgo de campeonato, decisivo para uns ou outros, pode ainda dizer-se que não houve violências notórias. Houve, sim, bastante dureza, mas nenhuma violência.

Rui Cunha, principalmente, fez falta no seu grupo. Notou-se a ausência dum bom rematador. Tibério, hoje um dos melhores homens no seu lugar, cumpriu. José Maria trabalhou bem e Cristóvão, dadas as circunstâncias em que ainda se encontra, acompanhou-o a contento. Os *halfs* esforçaram-se e contiveram, por vezes, em respeito o melhor compartimento do *Boavista*—a linha avançada. No ataque os estudantes jogaram sem coesão, notando-se a ausência dos titulares.

No grupo do Pôrto, Pesqueira não foi chamado a grandes feitos. Mostrou-se atento. Humberto e Cortez—aquêle melhor—estiveram activos, mas não chegaram a ser brilhantes. Os médios procuraram jogar. O centro mostrou-se, como de costume, um pouco inferior aos laterais. Dos avançados já falámos.

Manuel da Silva realizou trabalho imparcial. Teve êrros que, todavia, não foram de molde a alterar o resultado. Conteve em respeito os jogadores e como o jôgo não era dos mais fáceis de arbitrar, pesadas bem todas as coisas, satisfez no seu trabalho.

Do jôgo já dissemos o suficiente. Deve ter agradado muito aos admiradores do *Boavista*. Nada aos simpatisantes da *Académica*. Para nós, sem *parti-pris* por qualquer dos clubes, não passou de suficiente: II valores...

* * *

Mas foi grande, bela, cheia de movimento e colorido, a tarde de domingo, que deixou entre os aveirenses inolvidável recordação.

Aqui está para que se construiu o Estádio. Foi para isto. Para atraír a Aveiro a massa desportiva, a maior, para quem o *foot-ball* é jôgo predilecto. Excelente ideia e acertada resolução a da Câmara, não hesitando em dotar a cidade com êsse melhoramento valioso, de altíssima importância, indispensável mesmo, numa terra nas condições da nossa. Pena é que a obra ainda não esteja completa, concluída. Porque se assim fôsse os resultados seriam outros, ainda melhores, mais convidativos ao aproveitamento do campo, que é, no género, coisa boa. E depois, o local! Hão-de concordar que não podia ser melhor a escolha. Felicíssima, lhe chamaremos nós. Junto ao Parque, que é outra obra de vulto, apreciável sob todos os pontos de vista, tudo concorre para que o nosso Estádio Municipal mereça as honras que no domingo teve e com tanta satisfação registamos, embora pese aos derrotistas, aos defectistas, aos críticos que por aí estadeiam a sua insignificância, ou melhor—a sua reconhecida nulidade.

Como atrás deixamos dito a C. P. organizou dois combóios especiais, um do Pôrto e outro de Coímbra, mas mais gente do que êles trouxeram as camionetes e os automóveis que se contaram por algumas centenas. Basta dizer-se que êsses veículos encheram a Praça do Marquês de Pombal, estenderam-se pelas ruas da Sé e do Passeio; tomaram as avenidas Araújo e Silva e Artur Ravara e chegaram até às Pombinhas, na Estrada de Ílhavo, junto à casa de residência do dr. Pompeu Cardoso! Uma coisa nunca vista entre nós. Foi a primeira vez. Cabendo nesta altura um elogio aos srs. capitão Quina Domingues, comandante da polícia, e chefe Vidal, pela forma como dirigiram o serviço de trânsito, que, por prolongado, devia ter sido extenuante.

Só uma coisa é para lamentar no meio disto tudo: a falta de serenidade manifestada pelos mais apaixonados apreciadores do jôgo, que os leva a tomar atitudes pouco bizarras e, às vezes, perigosas quando lhes surgem pela frente os *cace-têtes* dos mantenedores da ordem... E dizemos assim porque não deve ser agradável, depois dum divertimento, apanhar uma carga de bordoada. Todavia, cada um come do que gosta e ninguém tem nada com isso...

O que é preciso é que o dia de domingo se repita muitas vezes.

* * *

Em nosso poder uma carta sôbre êste assunto que, por extenso, só no próximo número será inserta.

Y.

Notícias militares

A inspecção sanitária aos mancebos do concelho de Aveiro vão efectuar-se pela seguinte ordem: Em 18 de Junho freguesias de Aradas, Eirol e Eixo; em 19, Cacia, Nariz o Oliveirinha; em 21, Esgueira e Requeixo; em 22, Senhora da Glória e em 23, Vera Cruz.

Teatro Aveirense

Realisou-se na noite de quarta-feira o anunciado sarau de homenagem ao professor de ginastica ritmica, sr. Estêvão Puskas, cujo programa foi divido em duas partes, tendo antes proferido algumas palavras o sr. dr. Alberto Ruela, que falou sobre educação fisica e desportos e a maneira como se praticam no nosso país.

Em seguida os alunos do homenageado executaram exercícios livres e ritmicos com bolas, esgrima musical e outros numeros de efeito, que a assistencia muito apreciou e aplaudiu.

Também se fez ouvir nas suas canções hunguras o sr. João Biri e com geral agrado um terceto composto das sr.as D. Maria Salgueiro (piano) e D. Firmina de Miranda e Francisco Couceiro (violinos) que executou alguns numeros de boa musica.

Nas canções portuguesas, Maria Augusta Amaral, do Grupo Cénico do Club dos Galitos, conseguiu ser distinguida, igualmente, com muitos aplausos.

Abrilhantou o espectáculo uma Orquestra-Jazz, dirigida pelo violiniata Francisco Couceiro, que não desmereceu do conjunto.

* * *

Para os dias 17 e 18 anunciam-se mais duas recitas pela Companhia Alves da Cunha—Berta de Bivar, que representará *A Garra* e *O Montanhez*.

Ora vejam...

As tricanas do *Cantar do Galo* sempre foram a Lisboa. Tomaram parte no Cortejo Folclórico e apresentaram-se no Coliseu, nas cênas teatrais a que nontra parte fazemos alusão. E o *eminente jornalista* ouviu-as, do seu rádio, como se estivesse ao pé!

Sinal de que o aparelho é bom e foi feliz na colocação das antênas.

BAILES

Efectuou-se a *soirée* dedicada a Nuno Meireles na noite do ultimo sabado, tendo o sr. dr. Alberto Souto posto em relêvo as qualidades artisticas do homenageado, que é, sem duvidas, dos melhores valores com que o *Grupo Cénico do Club dos Galitos* conta.

* * *

Tambem no domingo de tarde se realisou um baile no salão do *Esperança A. Club* e no dia 20 deve realisar-se outro, no *Recreio Musical Esgueirense*, abrilhantado por *Os Melros*, apreciado conjunto de Covões.

Agradecemos os convites.

IMPRENSA

«O POVO DE OVAR»

Conta mais um ano o semanário da importante vila cujo nome adoptou para título e que tem por missão pugnar pelos interêsses do concelho e servir a República. Felicitando o colega vareiro, outros novos aniversários desejamos vê-lo registar, mas nas melhores condições de desafôgo.

«LABOR»

Com o n.º 83, agora em distribuição, terminou o seu décimo primeiro ano de existência esta revista local, superiormente dirigida pelos srs. drs. José Tavares e Álvaro Sampaio. a quem o torpor que imobiliza, a calúnia que aniquila, a intriga que desvirtua, a insinuação que envenena jàmais conseguiram desviar do caminho traçado, como é próprio dos que sabem lutar e querem vencer.

Os nossos cumprimentos à *Labor* e então até ao próximo mês de Outubro—bem retemperada.

O S. João na Figueira

Organizados pela Comissão Administrativa da Figueira da Foz realizam-se nos dias 22, 23 e 24 do corrente grandes festejos ao santo precursor, cujo programa oficial já se acha publicado, incluindo o tradicional *banho santo*.

O S. João da Figueira teve, outrora, muita nomeada, chamando à linda praia avultado número de forasteiros. Depois veio a decadência, que se prolongou, até que agora se pretende fazer reviver a festa, revestindo-a dos mais variados atractivos. Louvores à Câmara da Figueira, por isso. E' que há coisas que se não deviam deixar perder. E as festas populares, com todas as suas características, pertencem a êsse número.

Rapazes e raparigas: ao S. João da Figueira, que é mais fresco que o de Braga!...

Ponte pensil

Em S. Francisco da Califórnia foi inaugurada no dia 27 de Maio a maior obra de engenharia até hoje conhecida no mundo. Referimo-nos à ponte da *Porta d'Ouro*, que atravessa a baía de S. Francisco a uma altura de 80 metros e liga directamente a cidade com o norte da Califórnia, encurtando, assim, o caminho para todos os pontos a noroeste do Pacífico. Esta ponte tem 2.150 metros de extensão e é a primeira que se constroe sôbre o célebre canal cuja beleza deslumbrou o general John Fremont, conhecido explorador, levando-o a dar-lhe o nome de *Porta d'Ouro*. Custou, dizem, 33 milhões de dolars, a vida de 10 pessoas e levou 4 anos a construir. Só rivalisa com ela a ponte de Oakland, distante duas milhas, e a ponte pensil de George Washington, sôbre o rio Hudson, em Nova-York, que era considerada a maior do mundo.

As festas de inauguração tiveram um deslumbramento nunca visto, principalmente as iluminações, que foram surpreendentes. Se na América tudo é grande!

A Democracia e a Frente Popular

Determinou Staline que os comunistas organizassem a «Frente Popular» para defender, pelo menos aparentemente, a democracia. Vejamos o que dela diz Lenine:

«Esta democracia está subordinada à mesquinha organização da exploração capitalista e, conseqüentemente é sempre, na realidade, uma democracia somente para a minoria, sòmente para o rico. A liberdade na sociedade capitalista continúa a ser, mais ou menos, o mesmo que era nas antigas repúblicas gregas, liberdade para os donos dos escravos. Os modernos escravos do salário, em virtude da exploração capitalista, estão dominados de tal maneira pela necessidade e pobreza que *não têm tempo para se ocuparem de politica*: no decorrer geral e normal dos acontecimentos, a maioria da população fica desstituída de tôda a participação na vida pública e política».

É por um sistema económico que Marx classificou pior que o da Idade Média, e por um sistema político, que representa a escravidão do operariado, na opinião de Lenine, que Staline quere que o proletariado lute.

O pontapé na bola

Havendo um recinto, por sinal bem largo, destinado a jogos desportivos, não faz sentido que se transforme a Praça da República e algumas ruas de movimento em campo de *foot-ball*, como temos presenceado. A polícia, porém, não vê ou, se vê, faz vista grossa, o que nos leva a solicitar do seu comandante, sr. capitão Quina Domingues, providências imediatas de modo a pôr termo aos desafios na via pública.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a gentil Generosa Fernandes da Silva, filha do capitalista sr. Manuel Fernandes da Silva, do Paço (Esgueira); amanhã, a sr.ª D. Maria Augusta Gaspar, esposa do sr. Manuel Cação Gaspar e os srs. Manuel da Silva Corado, ourives local, e Vasco Soares, residente em Cascaes; no dia 14, as sr.as D. Berta da Rocha e Cunha Azevedo, D. Maria da Apresentação Mendonça Tavares e D. Margarida Simões de Aguiar Mano, esposas, respectivamente, dos srs. dr. Armando da Cunha Azevedo, considerado clínico; José Ferreira Tavares, de Anadia, e Manuel Mano, funcionário dos correios e telégrafos em Lourenço Marques (Africa Oriental) e o nosso dedicado assinante sr. Manuel Seabra de Azevedo, activo comerciante em Sá da Bandeira (Angola); em 15, a interessante Maria de Lourdes Vieira e o menino Manuel dos Santos Morais, filhos, respectivamente, dos srs. António Maria, 1.º sargento da Armada, e Alvaro Morais, da firma Belo & Morais e o sr. dr. Ernesto Guedes Pinto, médico em Coimbra; em 17, a sr.ª D. Zulmira de Brito T. Pinto e em 18, o inocente José Manuel, filhinho do sr. José Rodrigues dos Santos, 1.º tenente da Armada, e o nosso amigo tenente Alfredo de Brito, residente no Porto.

Casamentos

Consorciou-se, domingo, com a graciosa tricaninha Célia Barreto, o empregado comercial Aníbal Gomes de Moura, cunhado do sr. António Vicente Ferreira, tesoureiro da Camara Municipal.

Serviram de padrinhos o sr. Joaquim Gomes de Moura e esposa, D. Maria dos Prazeres de Sousa Botelho de Moura, respectivamente irmão e cunhada do noivo, residentes em Sabrosa (Douro).

Ao novo lar desejamos as maiores venturas.

Partidas e Chegadas

De visita a sua familia encontra-se entre nós o sr. Orlando Moreira Trindade, residente em Lisboa e filho do sr. João José Trindade.

—Tambem aqui estão o nosso amigo Virgilia da Silva, escrivão de direito em Leiria e o sr. general Craveiro Lopes, governador da India, que é hospede de sua filha e genro, o sr. major Sousa e Faro, de Cavalaria 8

—Igualmente esteve nesta cidade acompanhado de sua esposa, o sr. Júlio Costa Júnior, comerciante no Porto.

—Embarca hoje em Lisboa com destino a Benguela (África Ocidental) o nosso assinante António da Silva Vidal Junior, a quem desejamos feliz viagem e felicidades.

—Do Porto, onde esteve a fazer serviço durante alguns meses, regressou a Chaves o alferes Francisco António Wenceslau, do 3.º Grupo de Cavalaria 9.

—Chegou de Nova Lisboa (Africa Ocidental) o sr. Artur Rodrigues Duarte, filho do comerciante sr. António Rodrigues Duarte, residente na Curia.

—A passar alguns dias partiram: para Figueiró dos Vinhos, a sr.ª D. Maria Francisca Magalhães e para a Covilhã, o sr. Arnaldo Estrela dos Santos, e esposa.

"Ao cantar do Galo,,

=o=

Esta revista local, últimamente enriquecida com alguns quadros novos, parece que volta de novo à cena dentro em breve para ser mais uma vez apreciada, como merece. Um dêsses quadros —no *Balancé*—deve causar hilaridade. Passa-se no Parque entre crianças e um velho janota, sendo o arranjo feliz e muito apropriado à revista.

Sim, senhor. A lembrança é de espírito. Tem chalaça e vai, decerto, agradar aos espectadores.

Também nos informam ser ponto assente a sua representação em Lisboa, nos noites de 26 e 27, tendo os espectáculos lugar no Coliseu dos Recreios sob o patrocínio da *Casa das Beiras*, que tão gentil se mostrou, ainda há pouco, para com os aveirenses durante a sua estada na capital.

Deverá organizar-se nessa ocasião um combóio rápido, especial, a preços reduzidos, e cujos bilhetes são válidos por oito dias.

Leiam

os dois últimos livros de Leopoldo Nunes—*A Guerra em Espanha e Madrid trágica*. São livros de um jornalista de poderosa garra, que viu e viveu a guerra e compreendeu todas as figuras e acções que se desenrolaram até hoje.

A' venda nas livrarias de Aveiro.

Aos nossos assinantes da América do Norte, Brasil e Africa

PEDIDO INSTANTE E URGENTE

A tôdas as pessoas de fora do continente a quem nos dirigimos, solicitando o pagamento dos seus débitos a êste jornal, vimos rogar mais o favor de não demorarem a liquidação por a necessidade que temos de trazer em ordem os serviços administrativos. Tanto na Califórnia como no Rio de Janeiro, S. Paulo, Pará, Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Pernambuco e Pelotas existem algumas assinaturas em atraso e essa circunstância prejudica-nos. É favor, pois, corresponderem ao apêlo que aqui fica, esperando a devida atenção.

Os vermelhos não podem vencer

—:—

O conhecido jornalista Garvin escreve no *Observer*:

«Existe mais uma coisa a notar que excede as outras. Tôda essa mistura de autonomistas e vermelhos representa apenas as «extremidades» do país, contra a poderosa parte central, cujo povo tem sido a coluna vertebral da história da Espanha. A Espanha não deve a sua existência às «extremidades». Deve-a a Castela e Aragão, cuja acção tem sido tão importante como a da Inglaterra em relação às outras ilhas.

Os vermelhos não podem vencer, não só porque numèricamente representam a minoria e dependem duma mistura de «extremidades» mal ligadas, mas porque contra o que é indestrutível na alma histórica da Espanha...».

O jornalista inglês tem razão: Moscovo está a lutar não só contra a maioria do povo espanhol, mas também contra a alma da Espanha. Ao lado de Franco batem-se todos os heróis da grandiosa história do país vizinho.

O que se dá em Espanha repete-se noutros países, embora com menos violência. Contra o bárbaro espírito do Kremlin e contra a exploração sem piedade dos povos, pelo judaísmo-comunista, ergue-se a alma nacional.

Necrologia

No Porto deixou de existir na noite de segunda-feira o sr. conselheiro dr. Jorge Couceiro da Costa, juiz apo-sentado do Supremo Tribunal de Justiça, que a esta cidade, onde tinha família, vinha passar temporadas.

Era irmão de Luís Couceiro da Costa, também já falecido, e deixa viuva a sr.ª D. Ismalia de Almeida Vilhena Couceiro da Costa e alguns filhos, entre os quais o sr. dr. Fernão Couceiro da Costa, professor da Universidade do Porto e governador civil daquele distrito.

O ilustre extinto era natural do próximo logar de Vilarinho, freguesia de Cacia, onde nasceu a 20 de Março de 1858, contando, portanto, 79 anos de idade.

Sobraçou a pasta da Justiça na situação dezembrista e como magistrado deixou nome aureolado devido à rectidão do seu carácter e à maneira como decidia as causas em que tinha de intervir.

O seu funeral efectuou-se quarta-feira para o cemitério do Repouso.

* * *

Em Agueda também se finou, há dias, com 45 anos, a nossa conterrânea sr.ª D. Hermengarda Marques Gomes Camossa, filha do falecido Francisco Marques Gomes e esposa do sr. Francisco Camossa, comerciante naquela vila.

Foi sepultado civilmente, tendo-a acompanhado à ultima morada centenas de pessoas entre as quais muitas senhoras que lhe ofereceram ramos de flores.

* * *

Em Chaves igualmente sucumbiu aos estragos duma grave enfermidade a sr.ª D. Delfina Celestino Chaves Queiroga Cruz, esposa do nosso conterraneo José Simões Cruz, ali estabelecido, há muitos anos, com ourivesaria, e mãe do estudante António Celestino Cruz, aluno da Universidade de Coimbra. Era cunhada dos srs. Francisco Simões Cruz, empregado na agencia do Banco de Portugal e António Simões Cruz, guarda-livros dos *Armazens de Aveiro, L.da*

As nossas condolencias às respectivas famílias.

Correspondencias

Costa do Valado, 10

É-nos imensamente grato noticiar que foi há pouco condecorado, em Lisboa, com a medalha de ouro de comportamento exemplar, o 1.º sargento, nosso conterrâneo, sr. José Rodrigues Ferreira, a quem os seus colegas festejaram por êsse facto, colocando na respectiva sala da Escola Militar o seu retrato. O descerramento, porém, revestiu-se de grande relêvo dada a presença de alguns oficiais generais.

Presidiu o sr. general Morais Sarmento ladeado pelos srs. generais Lobato Guerra e Vicente de Freitas. Em nome da corporação falou o sargento Braz Roda, que agradeceu a presença dos oficiais e salientou o esforço de disciplina de todos os seus camaradas sempre prontos — disse — ao cumprimento das ordens dos superiores. Manifestou, por último, a gratidão da classe dado o interêsse demonstrado pelos oficiais no acto da condecoração do sargento Rodrigues Ferreira, depois do que o sr. general Morais Sarmento procedeu ao descerramento do retrato, que a bandeira nacional cobria.

Vivamente comovido o nosso conterrâneo agradeceu a homenagem que lhe fôra prestada, declarando que se limitára apenas a cumprir o seu dever de militar disciplinado.

Ao encerrar a cerimónia o sr. general Morais Sarmento, frisando que a festa era mais uma magnífica lição de disciplina dada na Escola Militar, classificou de bem merecida a distinção concedida ao sargento Ferreira, que por isso foi muito cumprimentado.

As nossas felicitações também ao brioso militar pela honra que lhe acaba de ser concedida com enobrecimento para a sua e nossa terra.

—Acabou ante-ontem o seu penar Emilia de Almeida Rosa, mais conhecida por Emilia Mateus, a quem a tuberculose vinha minando a existencia, fazendo-a sofrer horrivelmente. Era casada com Joaquim dos Anjos e filha do jardineiro José da Rosa.

Deixa tres crianças de tenra idade, despedindo-se da vida com 31 anos, apenas.

Acompanhado da esposa e duma irmã, chegou no sábado à sua vivenda de Quintans, depois de alguns meses de ausencia em Pelotas (Brasil), o nosso amigo, sr. Jaime Neves.

—Retirou de novo para a Africa o sr. José de Lemos.

C.

Esgueira, 10

Mais um desastre, que podia ter funestas consequências, se registou na noite de terça-feira, devido ao excesso de velocidade dum automóvel que aqui passou em direcção ao norte e que, na curva, foi de encontro a um muro, ficando um dos passageiros ligeiramente ferido na cabeça.

Todos os dias aqui passam carros de todas as categorias e camionetes em carreira desordenada, sem respeito algum pela vida do próximo. É um abuso que precisa ser reprimido pelas autoridades pois não faz sentido que dentro das povoações os srs. condutores se excedam, como temos presenceado.

Depois o Diabo tece-as...

—Fez anos no ultimo sabado o nosso amigo António Rodrigues da Paula, a quem felicitamos.

—Esteve aqui, de visita aos seus, o estudante José Alves Moreira, aluno da Universidade de Coimbra.

C.

Estatísticas Coloniais

=o=

Entre os relevantes serviços que se devem ao Estado Novo conta-se a actualização e o aperfeiçoamento dos serviços estatísticos.

E' de todos sabido o atrazo com que eram feitas as poucas e deficientes estatisticas que possuíamos, as quais passavam a ter menor interêsse histórico e em pouco aproveitavam, portanto, aos estudos económicos que dêsses atrazos e imperfeições se não compadeciam.

Vencidas brilhantemente essas primeiras dificuldades, Portugal é hoje dos países que com maior pontualidade e prontidão publica elementos estatísticos.

Esta forma de actividade do Estado estendeu-se às Colónias, onde serviços privativos iniciaram a publicação de Anuários e outros volumes de especialidade.

Observavam-se, porém, divergências de critérios e uma dispersão que não era consentânea com os princípios de unidade que constituem a essência da Nação Portuguesa.

Com a criação do Instituto Nacional de Estatística, pela Lei n.º 1911, de 23 de Maio de 1935, que veio substituir a antiga Direcção Geral, e a construção de um edifício próprio modelarmente instalado, pessoal técnico e meios jurídicos para o exercício das suas funções, fixaram-se as grandes linhas dos serviços estatísticos portugueses, abrangendo necessàriamente as estatísticas coloniais a cargo dos serviços privativos das colónias, cuja actividade será pelo mesmo Instituto dirigida e coordenada.

A breve trecho, o Instituto começou a publicar um apêndice ao seu Boletim Mensal—estatísticas do comércio externo e das colónias.

Em relação à estatística comercial de Angola do ano de 1935, foi já publicado o I volume, que se refere às importações e exportações por classes e artigos da pauta, devendo seguir-se-lhe outro referente ao movimento do comércio externo da mesma colónia por países de procedência e destino, no quinquénio de 1931 a 1935.

Por esta forma ficam ao alcance do público e dos estudiosos, elementos para o estudo do comércio externo das colónias, como os virá a haver, obedecendo a um critério único, em relação a tôda a vida colonial.

Declarações para os efeitos do § 1.º do Art.º 604 do Código Administrativo

Fornece gratuitamente o jogo das declarações a entregar às Câmaras Municipais, a todos os proprietários, comerciantes e contribuintes de profissões liberais que o requisitem, bem como presta todos os esclarecimentos sôbre o assunto, o Agente de Seguros

José Gustavo de Sousa
AVEIRO

Meteorologia e Sismologia

Previsões de 6 a 13 de Junho

METEOROLOGIA

Oscilação barométrica geral—Começa em 13 a descida barométrica, fortemente acentuada em 16, data em que inicia uma subida.

Datas de novos ciclones—Em 13, 16 e 18.

Movimentos mais sensíveis no campo de pressão—Em 13, 14, 15 16 e 18.

Tempo em Portugal—É provável que o tempo se apresente de trovoadas e ventoso, principalmente de 16 a 19.

Tempo no estrangeiro—Tendência para mau tempo e maior intensidade dos ventos: em França, Inglaterra, Varsóvia, Jerusalem e América do Norte.

Oscilação provável de temperatura na Península—Oscilante, com tendencia para subir principalmente em 17.

SISMOLOGIA

Datas de maior sensibilidade: em 15 e 16.

Setúbal, 8 de Junho de 1937.

A. CARVALHO SERRA

Confissão preciosa

=o=

Litvinof, o judeu pronunciado por cumplicidade em crime de arrombamento e furto e que hoje representa a U.R.S.S. na Sociedade das Nações, na sua qualidade de Comissário do povo para relações com o estranjeiro, teve, ao apoiar um discurso do seu colega vermelho, delegado do govêrno de Valência, esta frase que sintetiza admiràvelmente a política de Staline:

«Sob a máscara de ideologias, praticam a agressão e realizam política expansionista».

Claro está que Litvinof quis referir-se com estas palavras à política de Hitler e de Mussolini. Mas a realidade é que a frase citada assenta como luva à política do país que êle representa. O comunismo internacional é a máscara que oculta o imperialismo moscovita. Foi com ela que a Rússia reconquistou a Georgia e Azerbeloschan, anexou o Turquestão Chinês e a Mongólia Exterior e é ainda com o mesmo disfarce que tenta, em vão, anexar a Espanha.

Código do Trabalho

=o=

Eis um livro que vem na hora própria e com cuja publicação Augusto da Costa presta inestimável serviço a quantos necessitam conhecer e aplicar a legislação do trabalho.

Não é tarefa fácil a de reunir, ordenar e esclarecer toda a vasta série de leis, decretos, regulamentos, contratos colectivos, etc. que, a partir da promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional, e em realização dos seus princípios, foram sucessivamente postos em vigor.

Pode, porém, dizer-se que Augusto da Costa atingiu plenamente a finalidade que se propõe tornar fácil e simples um assunto complicado por natureza como é o de determinar, em relação a cada ramo de actividade económica, os preceitos aplicáveis à disciplina do respectivo trabalho.

Ao folhear esta obra verifica-se imediàtamente o critério prático que presidiu à sua elaboração. E' que no espírito do seu autor não estava a idea de publicar um trabalho doutrinário— como a *Nação Corporativa*, o *Crepúsculo dos Deuses* ou os *Factos e Princípios Corporativos* em que Augusto da Costa afirmou o seu profundo conhecimento das questões sociais — mas sim o propósito de preparar um livro de consulta, útil e eficiente.

Prova-o o plano da obra: as diferentes profissões aparecem indicadas por ordem alfabética e, relativamente a cada uma delas, são fornecidas indicações completas sôbre horário de trabalho, salários mínimos, agências de colocação, descanso semanal, trabalhos proibidos a mulheres e menores e todas as disposições especiais que interessam a cada caso, com citação da doutrina dos pareceres e despachos aplicáveis.

Não se limita, porém, o autor à compilação sêca dos textos legais; constantemente os seus comentários esclarecem pontos obscuros, aplanam dificuldades sempre com segurança e conhecimento de causa.

O *Código do Trabalho* é completado por um extenso apêndice constituido pelos diplomas invocados no corpo da obra, acompanhados dos despachos interpretativos que suscitaram.

E' êste, de maneira geral, o esquema do livro; são, tantas, porém as matérias compreendidas no grosso volume, que o constitue, que impossível se torna fazer a sua enumeração completa e sem receio de falhas.

Basta dizer que o seu autor, funcionário distinto e que, por dever do cargo, se interessa quotidianamente por êstes assuntos, conseguiu fazer do seu *Código do Trabalho* uma obra séria, que não desmerece das suas comprovadas qualidades de inteligência e saber.

O *Código do Trabalho*, apresentado em elegante edição da Livraria Rodrigues, valoriza-se com um expressivo prefácio do Prof. Marcelo Caetano.

A fechar

Exclamação dum medico ao passar com um amigo pelo cemitério:
—Se muitos moram áqui, a mim mo devem...

Comarca de Aveiro

—:—

Editos de 15 dias

1.ª publicação

Pelo Juizo da 2.ª Vara da Comarca de Aveiro, 2.ª Secção—Morais—e nos autos de insolvência civel, em que é requerente Francisco de Pinho Júnior, casado, industrial, de Esgueira, e requeridos Luís Augusto Henriques Pinheiro e esposa Luísa de Jesus Henriques, ambos professores, de Esgueira, correm éditos de 15 dias, a contar da primeira publicação do respectivo anúncio, para que os credores dos requeridos reclamem os seus créditos e quaisquer pessoas os seus direitos nos referidos autos de insolvência, devendo uns e outros juntar, com as suas reclamações, os documentos que tiverem de oferecer e a prova que entenderem necessária. Nos mesmos autos foi nomeado administrador da insolvência e depositário dos bens que forem apreendidos aos insolventes, José Augusto Correia Bastos, solicitador nesta comarca, tendo a insolvência sido declarada por sentença de três de Junho corrente.

Aveiro, 4 de Junho de 1937.

O Juiz de Direito
Melo Freitas

O Escrivão,
João António de Morais Sarmento

O administrador da massa,
José Augusto Correia Bastos

Comarca de Aveiro

—o—

ANÚNCIO

2.ª publicação

Por êste Juizo, 2.ª Secção, chefe Cristo, e nas autos de falencia de Joaquim Esteves Martins ou Joaquim Esteves Martins da Silva ou Joaquim Martins da Silva, e José Ferreira Souto, comerciantes, o primeiro residente na rua de Arroios, n.º 141, de Lisboa, e o segundo residente na rua Nova, de Ilhavo, como unicos sócios da sociedade comercial *Martins & Souto*, que teve a sua séde na praia do Farol, desta comarca, por terem cessado pagamentos em circunstancias que denotam a impossibilidade em que os mesmos se encontram de solver os seus compromissos, foram estes declarados falidos, sendo nomeado administrador da massa falida José Augusto Correia Bastos, solicitador, desta cidade e comarca de Aveiro, e que por êste correm éditos de 15 dias, a contar da primeira publicação do presente anuncio, para dentro deste praso os credores dos falidos reclamarem a verificação dos seus creditos e alegarem o que entenderem àcêrca da data da falencia, devendo comprovar em devida forma a existencia, natureza e circunstâncias dos seus creditos, juntando logo os documentos e rois de testemunhas e indicando qualquer outra prova que pretendam produzir.

Aveiro, 24 de Maio de 1937.

Verifiquei:

O Juiz de Direito
Correia Marques

O Chefe da 2.ª Secção
Julio Homem de Carvalho Cristo

O Administrador da massa falida
José Augusto Correia Bastos

Solicitador